

FUNDAMENTALISMO ILUMINISTA OU RACISMO DOS ANTI-RACISTAS?*

Pascal Bruckner

Traduzido por Cláudia Guedes

Resumo: Muito autores atribuem o início da modernidade ao advento do Iluminismo e da Revolução Francesa. Estes eventos relevaram um conjunto de valores laicos universalizados, visando uma convivência mais tolerante e pacífica entre seres humanos. Autores que defendem o multiculturalismo, do contrário, normalmente rejeitam tais valores compreendendo-os como uma outra forma de fundamentalismo. O multiculturalismo, que surge em fins dos anos 1970, tem se tornado um tema de muitos estudos em humanidades. Pascal Bruckner, no presente texto, insere-se no debate ao discutir um caso específico, defendendo Ayaan Hirsi Ali contra Ian Buruma e Timothy Garton Ash, pois compreende que a pretensa liberdade reivindicada pelos autores multiculturalistas acaba por aprisionar os indivíduos em suas raízes culturais.

Palavras-chave: multiculturalismo; iluminismo; Ayaan Hirsi Ali; modernidade.

“O que dizer a um homem que lhe diz que prefere obedecer a Deus ao homem, e que está consequentemente certo de sua entrada nos portões do Céu por cortar sua garganta?” Voltaire

“A colonização e a escravidão têm criado um sentimento de culpabilidade no ocidente que leva as pessoas a adular tradições estrangeiras. Isto é uma atitude preguiçosa e até mesmo racista” Ayaan Hirsi Ali

Não há como negar que os inimigos da liberdade vêm das sociedades livres, de uma parte da elite iluminada que nega os benefícios dos direitos democráticos para o resto da humanidade, e mais especificamente aos seus compatriotas, se eles são desafortunados o bastante para pertencer a outra religião ou grupo étnico. Para se convencer deste fato, basta passar os olhos por dois textos recentes: “Assassinato em Amsterdã” pelo autor britânico-holandês

Ian Buruma sobre o assassinato de Theo Van Gogh¹ e a resenha deste livro pelo jornalista inglês e acadêmico Timothy Garton Ash no New York Review of Books². A reportagem de Buruma, feita no estilo anglo-saxônico, é fascinante no sentido em que dá voz a todos os protagonistas do drama, ao assassino tanto quanto a vítima, com aparente imparcialidade. O autor, no entanto, não pode esconder seu aborrecimento com a ex-membro do parlamento holandês de origem somaliana, Ayaan Hirsi Ali, uma amiga de Van Gogh e também sujeita às ameaças de morte. Buruma sente-se constrangido diante de sua crítica ao Corão.

Garton Ash é ainda mais duro com ela. Para ele, apóstolo do multiculturalismo, a atitude de Hirsi Ali é não apenas irresponsável como contraproducente. Seu veredito é implacável: "Ayaan Hirsi Ali é agora uma fundamentalista do Iluminismo valente, franca e um tanto."³ Ele apoia seu argumento no fato de que esta jovem mulher franca pertenceu em sua juventude à Irmandade Mulçumana no Egito. Para Garton Ash, ela simplesmente trocou um credo por outro: o fanatismo pelo profeta por um fanatismo pela razão.

Este argumento de equivalência não é novo. Foi usado por todo o século XIX pela igreja católica para bloquear reformas, e mais recentemente na França à época do "Caso do Véu Islâmico" por aqueles que se opuseram à lei. No caso

* Publicado originalmente em alemão pela revista on-line *Perlentaucher* (<http://www.perlentaucher.de>) em 24 de janeiro de 2007, sob o título "*Fundamentalismus der Aufklärung oder Rassismus der Antirassisten*". Traduzido a partir da versão inglesa, disponibilizada pela revista *SignandSight*, em: <http://www.signandsight.com/features/1146.html>

Pascal Bruckner: Romancista e ensaísta, é autor de *Le Sanglot de l'homme Blanc* (1983), *La tentation de l'innocence* (Prêmio Médicis de ensaio, 1995), *Les Voleurs de beauté* (Prêmio Renaudot, 1997), *A euforia perpétua* (DIFEL, 2002), *Misère de laprosperité* (prêmio de melhor livro de economia, na França, em 2002) e *L'Amour Du prochain* (2005).

Cláudia Guedes: doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, integrante do Grupo de Pesquisa Sociedade Ciência e Técnica SOCITEC (<http://www.socitec.pro.br>), vinculado à mesma universidade. E-mail: claudiaguedesj@gmail.com.

Agradecimento especial ao autor, Pascal Bruckner, que autorizou a tradução e publicação do texto.

¹ Ian Buruma: "Murder in Amsterdam: The Death of Theo Van Gogh and the Limits of Tolerance", New York (Penguin Press) 2006.

² "Islam in Europe" in: New York Review of Books, October 5, 2006.

³Buruma também fala de "fundamentalistas do Iluminismo", p.27.

de Hirsi Ali – sujeita à circuncisão e casamento forçado, fugindo da África para a Holanda – a acusação é simplesmente falsa. A diferença entre ela e Muhammad Bouyeri, o assassino de Theo Van Gogh, é que ela nunca defendeu o assassinio para expandir suas ideias.

“O Corão é o trabalho do homem, e não de Deus”, ela escreve. “Consequentemente, nós deveríamos sentir-nos livres para interpretar e adaptá-lo aos tempos modernos, antes de curvar-nos para o passado e viver como os primeiros fiéis fizeram num tempo distante e terrível.”⁴ Procura-se, em vão, nesta sentença, pelo menor indicio de sectarismo. As únicas armas de Hirsi Ali são persuasão, refutação e discurso. Longe da patologia do proselitismo, ela nunca transgride o domínio da razão. Sua esperança de empurrar para trás a tirania e a superstição não parece resultar de uma exaltação enferma ou doentia. Mas, aos olhos de nossos refinados professores, Ayaan Hirsi Ali – como os muçulmanos dissidentes Taslima Nasreen, Wafa Sultan, (vide sua entrevista sobre *alJazeera*), Irshad Manji, Seyran Ates, e Necla Kelek – tem cometido uma ofensa imperdoável: ela toma os princípios democráticos seriamente.

É bem conhecido que na luta do fraco contra o forte, é mais fácil atacar a ex-parlamentar. Aqueles que resistem serão sempre acusados covardemente de incitar o ódio dos poderosos.

Não sem deslealdade, Ian Buruma nega a Ayaan Hirsi o direito de se referir a Voltaire. Voltaire, diz Buruma, confrontou-se com uma das instituições mais poderosas do seu tempo, a igreja católica, enquanto Hirsi Ali contenta a si mesma ao ofender “uma vulnerável minoria no coração da Europa”⁵ Todavia, sua declaração desrespeita o fato de que o Islã não tem fronteiras: as comunidades muçulmanas do Velho Mundo são apoiadas por um bilhão de fiéis. Entrecortados por diversas correntes, eles podem ainda tornar-se uma facção de uma ofensiva fundamentalista ou exemplificar um tipo de

⁴Ayaan Hirsi Ali: “Infidel”, Free Press, 2007.

⁵Buruma, op. cit., p.179.

religiosidade mais em harmonia com a razão. Longe de ser uma questão insignificante, este é um dos maiores desafios do século XXI!

Não é suficiente que Ayaan Hirsi Ali tenha que viver como uma reclusa, ameaçada de ter sua garganta cortada por radicais e cercada por guarda-costas. Ela – como o filósofo francês, professor Robert Redeker, que também tem sido ameaçado de morte em websites islâmicos – tem que suportar o ridículo dos idealistas *high-minded* e filósofos de poltrona. Ela tem inclusive sido chamada de nazista na Holanda.⁶ Desse modo, os defensores da liberdade são estilizados como fascistas, enquanto os fanáticos são retratados como vítimas!

O mecanismo vicioso é bem conhecido. Aqueles que se revoltam contra a barbárie são eles mesmos acusados de serem bárbaros. Tanto em política como em filosofia, o signo dos iguais é sempre uma abdicação. Se pensar envolve ponderar as palavras pronunciadas para nomear corretamente o mundo, desenhando comparações com outras palavras, então nivelar distinções é testemunhar a falência intelectual. Gritar CRS=SS como em maio de 1968, ou fazer Bush=Bin Laden ou igualar Voltaire a Savonarola é dar satisfação barata a questionáveis aproximações. Depois de Heidegger, todo um conjunto de pensadores, de Gadamer a Derrida, tem contestado as reivindicações do iluminismo por incorporar uma nova era de história autoconsciente. Ao contrário, eles dizem, todos os males de nossa época foram gerados por este episódio intelectual: capitalismo, colonialismo, totalitarismo. Para eles, a crítica dos preconceitos não é nada senão o próprio preconceito, provando que a humanidade é incapaz de auto-reflexão. Para eles, as quimeras de certos homens de letras que se empenharam em fazer uma clara defesa de Deus e a revelação, foram responsáveis por mergulhar a Europa na escuridão. Numa dialética abominável, a aurora da razão nada fez nascer, senão monstros (Horkheimer, Adorno).

⁶De acordo com Ian Buruma, o bastante conhecido autor holandês Geert Mark compara o filme de Ayaan Hirsi Ali "*Submission*" ao filme nazista de propaganda anti-semita "*JudSüß*" ("Murder in Amsterdam", pg. 240).

Toda a história do século XX atesta para o fanatismo da modernidade. E é incontestável que a crença no progresso empreendeu-se sob o aspecto da fé, com seu alto clero, de Saint Simon a Augusto Comte, sem esquecer Victor Hugo. As hediondas religiões seculares do nazismo e do comunismo, com seus rituais mortíferos e massacres em massa, foram apenas tão terríveis quanto às piores teocracias das quais eles mesmos – ao menos no que se refere ao comunismo – consideravam-se a negação radical. Mais pessoas foram mortas em oposição a Deus no século XX do que em nome Dele. Não vem ao caso que o nazismo e, em seguida, o comunismo foram derrotados pelos regimes democráticos inspirados pelo Iluminismo, direitos humanos, tolerância e pluralismo. Por sorte, o Romantismo mitigou a abstração do Iluminismo e sua reivindicação por ter criado um novo homem, liberto dos sentimentos religiosos e coisas da carne.

Hoje somos herdeiros de ambos os movimentos, e entendemos como reconciliar a particularidade das amarras nacional, linguística e cultural com a universalidade da raça humana. A modernidade tem sido autocrítica e suspeitosa de seus próprios ideais por um longo período, denunciando a sacralização de uma razão insana que foi cega ao seu próprio zelo. Em uma palavra: ela adquiriu certa sabedoria e um entendimento de seus limites. O Iluminismo, conseqüentemente, mostrou-se capaz de rever seus erros. Denunciar os excessos do Iluminismo nos conceitos que ele mesmo forjou significa ser leal ao seu espírito. Estes conceitos são parte e parcela da composição contemporânea, ao ponto de que até fanáticos religiosos fazem uso destes para promover sua causa. Gostemos ou não, nós somos os filhos deste século controverso, compelidos a condenar nossos pais na linguagem que eles nos transmitiram. E assim como o Iluminismo triunfou até sobre seus piores inimigos, não há dúvida que também anulará a *hydra* Islâmica, dado que acredita em si mesmo e se abstém de condenar as raras reformas do Islã à escuridão da reprovação.

Hoje nós combinamos dois conceitos de liberdade: um que tem origem no século XVIII, fundado sobre a emancipação em relação à tradição e a

autoridade. O outro, originando-se numa antropologia anti-imperialista, é baseado na igual dignidade das culturas que não poderiam ser avaliadas meramente na base de nossos critérios. O relativismo demanda que nós vejamos nossos valores simplesmente como crenças de uma tribo particular que nós chamamos Ocidente. O multiculturalismo é resultado deste processo. Nascido no Canadá, em 1971, é seu principal objetivo assegurar a coabitação pacífica entre populações de diferentes origens étnicas ou raciais sobre o mesmo território. No multiculturalismo, cada grupo humano tem uma singularidade e legitimidade que forma a base de seu direito de existir, condicionando sua interação com outros. Os critérios do justo e injusto, crime e barbárie, desaparecem antes do critério absoluto do respeito à diferença. Não há qualquer verdade eterna: a crença neste tronco que provém do etnocentrismo ingênuo.

Qualquer um com uma mente que sustente timidamente que a liberdade é indivisível, que a vida de um ser humano tem o mesmo valor em qualquer lugar, que amputar a mão de um ladrão ou apedrejar uma adúltera é intolerável em qualquer lugar, é devidamente denunciado em nome da necessária igualdade das culturas. Como resultado, nós podemos cegar o olhar para como outros vivem e sofrem, uma vez que estão estacionados no gueto de sua particularidade. Entusiasmarmos com sua diferença inviolável nos alivia de ter que nos preocupar com sua condição. Contudo, uma coisa é reconhecer as convicções e ritos de grupos de cidadãos de diferentes origens, e outra é dar a alguém a bênção para hostilizar comunidades insulares que rapidamente levantam muralhas entre eles mesmos e o resto da sociedade. Como nós podemos abençoar esta diferença se ela exclui a humanidade em vez de fazê-la bem-vinda? Este é o paradoxo do multiculturalismo: este concorda em dar o mesmo tratamento para todas as comunidades, mas não às pessoas que as formam, lhes negando a liberdade de se desvincular de suas próprias tradições. Em vez disso: reconhecimento do grupo, opressão do indivíduo. O passado é valorizado acima dos desejos daqueles que almejam deixar os costumes e a família para trás e – por exemplo – amar da maneira que melhor lhes cabe.

Tende-se a esquecer o indiscutível despotismo das minorias que são resistentes a assimilação se esta não for acompanhada por um status de extraterritorialidade e dispensas especiais. O resultado é que nações são criadas dentro de nações, as quais, por exemplo, sentem-se muçulmanas antes de se sentirem inglesas, canadenses ou holandesas. Aqui a identidade vence sobre a nacionalidade. Pior ainda: à guisa de respeitar a especificidade, os indivíduos são aprisionados numa definição étnica e racial, mergulhando novamente no molde restritivo do qual eles pertenciam, supostamente sob a justificativa de serem libertados. Negros, árabes, paquistaneses e muçulmanos estão aprisionados na história e designados, assim como na era colonial, a residir em suas epidermes, suas crenças.

Assim, a eles é recusado o que sempre tem sido nosso privilégio: passar de um mundo a outro, da tradição à modernidade, da obediência cega à prática da decisão racional. “Eu deixo o mundo de fé, mutilação genital⁷, e casamento forçado para o mundo da razão e emancipação sexual. Depois de fazer esta viagem eu sei que um destes mundos é simplesmente melhor que o outro. Não por suas engenhocas espalhafatosas, mas por seus valores fundamentais”, Ayaan Hirsi Ali escreveu em sua autobiografia⁸. A proteção das minorias também implica o direito de membros individuais de desligarem-se sem serem punidos, por indiferença, ateísmo e casamento misto, esquecer o clã e as solidariedades familiares e forjar seus próprios destinos, sem ter que reproduzir o padrão transmitido a eles por seus pais.

Sem considerar todos os abusos que eles podem ter sofrido, as minorias étnicas, sexuais, religiosas e regionais são frequentemente afixadas como pequenas nações, nas quais o mais extravagante patriotismo é caracterizado como nada mais que a expressão de uma legitimada auto-estima. Em vez de celebrar a liberdade como o poder de escapar do determinismo, a repetição

⁷ Na França, trinta mil mulheres de origem africana têm sido sujeitas à mutilação genital, e outras trinta mil correm este risco no futuro. A França tem sido o único país a executar a mutilação genital, e a lei 4/04/06 tem reforçado esta medida.

⁸Ayaan Hirsi Ali, “*Infidel*”.

do passado tem sido encorajada, reforçando o poder da coerção coletiva sobre os indivíduos privados. Grupos marginais agora formam um tipo de “ethos-pólicia”, um micro-nacionalismo chauvinista que certos países da Europa infelizmente veem caber ao suporte público. À guisa de celebração da diversidade, uma etnia genuína ou prisões confessionais são estabelecidas, onde a um grupo de cidadãos são negadas as vantagens de acordo com outros.

Logo, entende-se sem surpresas que Ayaan Hirsi Ali é sancionada por nossos intelectuais. Nada fica ausente do retrato da jovem mulher pintada por Timothy Garton Ash, nem mesmo um machismo démodé. Em seus olhos, somente a beleza e o glamour da parlamentar holandesa pode explicar seu sucesso midiático; não a precisão do que ela diz.⁹Garton Ash não pergunta se o teólogo fundamentalista Tariq Ramadan, para quem ele canta inflamados panegíricos, também deve sua fama ao seu look Playboy. Ayaan Hirsi Ali, de fato, evita estereótipos correntes do politicamente correto. Como uma somaliana, ela proclama a superioridade da Europa sobre a África. Como uma mulher, ela não é nem esposa, nem mãe. Como uma muçulmana, ela denuncia abertamente o atraso do Corão. Tantos clichês dispensados fazem dela uma verdadeira rebelde, ao contrário dos falsos insurgentes que nossas sociedades produzem às dúzias.

É seu lado obstinado, bem-ancorado, entusiasmado e impermeável que Buruma e Timothy Garton Ash objetam, no espírito de inquisidores que viam bruxas possuídas pelo demônio em cada mulher que era exibicionista demais para o gosto deles. Lendo suas palavras completamente condescendentes, torna-se claro que a guerra contra o fundamentalismo islâmico terá de vencer primeiro sobre um nível simbólico, e pela mulher. Pois elas representam o pivô da família e da ordem social. Libertá-las, garantir-lhes direitos iguais em todos os campos, é a primeira condição de progresso nas sociedades árabe-

⁹ Timothy Garton Ash, em “Islam in Europe”. Para Garton Ash, Ayaan Hirsi Ali “é um irresistível modelo para jornalistas, sendo uma mulher alta, visivelmente bela, exótica, corajosa, franca, com uma notável história de vida, agora vivendo sob permanente ameaça de ser massacrada como van Gogh. (...) Não é desrespeito à senhorita Ali sugerir que se ela tem sido pequena, encurvada e míope, sua história e visões não merecem ser tão fortemente acompanhadas.”

muçulmanas. Incidentalmente, cada vez que um país ocidental tem desejado codificar direitos de minoria, são os membros destas minorias, em sua maioria mulheres, que têm levados a protesto. O generoso desejo de ser inclusivo – como o da província canadense de Ontario que procurava julgar muçulmanos de acordo com a Shari'a, ao menos para litígios de sucessão e família – ou a proposta de um ex-juiz constitucional alemão, Jutta Limbach, de criar um status de minoria na Lei Básica Alemã, liberando meninas muçulmanas das aulas de ginástica, é experimentado como uma regressão, um novo aprisionamento¹⁰.

A mística do respeito aos outros que está se desenvolvendo no ocidente é altamente questionável. Pois etimologicamente, “respeito” significa observar a partir de alguma distância. Lembre-se que, no século XIX, nativos eram vistos como tão diferentes de nós que era impensável que eles devessem adotar o modelo europeu, ou ainda a cidadania francesa. Uma vez considerada a inferioridade, a diferença é agora experimentada na base de uma distância intransponível. Levado ao extremo, este elogio da autarquia está na base de medidas políticas infelizes. O que foi o *apartheid* na África do Sul se não o respeito à singularidade levado ao ponto em que o outro não tem mais o direito de se aproximar de mim?

Então, a busca por equilíbrio religioso pode frustrar o desejo por mudança na confissão, mantendo o status minoritário de parte da população, em geral mulheres, e consentindo com uma sutil segregação camuflada de diversidade. A escancarada veneração pela beleza de todas as culturas pode esconder o mesmo paternalismo distorcido como o dos colonialistas do passado. Pode-se opor que desde a aparição do islã no século VII, será inevitável um pouco de atraso ou, como Tariq Ramadan sustenta, as massas de fiéis não têm maturidade ao ponto em que eles poderiam abandonar práticas como o apedrejamento (ele mesmo clama por uma moratória sobre o apedrejamento, não o fim

¹⁰JuttaLimbach: “*Making multiculturalism work*”, em: signandsight.com

completo)¹¹. Estes voos em virtude da “impaciência por liberdade” (Michel Foucault) capturam a elite muçulmana quando confrontada com as lentes das nações seculares, livres dos grilhões do dogma restritivo e da moral retrógrada.

O Iluminismo pertence a toda raça humana, não apenas a alguns poucos indivíduos privilegiados na Europa ou América do Norte que o tem levado adiante para chutá-lo aos poucos como uma criança mimada, para impedir os outros de ter um caminho. O multiculturalismo anglo-saxão não é talvez outra coisa senão um *apartheid legal*, acompanhado – como é frequentemente o caso – da enjoativa persuasão do rico que diz ao pobre que dinheiro não é garantia de felicidade. Nós suportamos a carga da liberdade, da auto-invenção, da igualdade sexual; você tem a alegria do arcaísmo, do abuso como um costume ancestral, das prescrições sagradas, casamento forçado, do véu e da poligamia. Os membros destas minorias são colocados sob uma ordem de preservação, protegidos do fanatismo do Iluminismo e das “calamidades” do progresso. Aqueles nomeados “muçulmanos” (norte-africanos, paquistaneses, africanos) estão proibidos de não crer, ou de crer periodicamente, de não dar uma palavra contra Deus, de criar uma vida para si mesmos longe do Corão e dos ritos da tribo.

O multiculturalismo é um racismo dos anti-racistas: acorrenta as pessoas às suas raízes. Assim, Job Cohen, prefeito de Amsterdã e um dos principais sustentadores do estado holandês, exige que se aceite “a discriminação consciente de mulheres por certos grupos de muçulmanos ortodoxos” baseado no fato de que nós precisamos de uma “nova cola” para “reagrupar a sociedade”. Em nome da coesão social, nós somos convidados a dar nossos aplausos estrondosos à intolerância que estes grupos mostram por nossas leis. A coexistência de pequenas sociedades solitárias é estimada, e cada qual segue diferentes normas. Se nós abandonarmos um critério coletivo para discriminar entre o justo e o injusto, nós sabotaremos a ideia verdadeira da comunidade

¹¹ Ramadan reiterou sua posição durante um debate com Nicolas Sarkozy em 20 de novembro de 2003, na televisão francesa. Seu irmão, Hani Ramadan, também um cidadão suíço, defende o apreijamento como punição.

nacional. Um cidadão francês, britânico ou holandês será processado por bater em sua esposa, por exemplo. Mas deveria o crime ser impune se o perpetrador for um sunita ou xiita? Deveria sua fé dar a ele o direito de transgredir a lei da terra? Esta é a glorificação nos outros, daquilo sobre o que nós sempre nos acusamos: protecionismo ultrajante, narcisismo cultural e etnocentrismo inveterado!

Esta tolerância nutre desprezo, pois assume que certas comunidades são incapazes de se modernizar. Poderia ser que a dissidência de muçulmanos britânicos não seja somente uma função de rigor retrógrado de seus líderes, mas também deriva de uma vaga suspeita de que toda a consideração mostrada a eles pelo Estado é uma forma um pouco mais sutil de desdém, basicamente lhes falando que eles já estão muito atrasados para a civilização moderna? Várias comunidades na Itália estão planejando reservar certas praias para mulheres muçulmanas, para que elas possam banhar-se sem expor-se aos olhares masculinos. E, dentro de poucos anos, o primeiro “hospital islâmico”, obedecendo, em todos os pontos, as descrições do Corão, deve ser aberto em Roterdã. Qualquer um pensaria que nós estamos revivendo os dias de segregação no sul dos Estados Unidos. Agora, esta segregação tem completo reforço dos mais proeminentes progressistas da Europa! Sua luta tem duas frentes: as minorias devem ser protegidas da discriminação (por exemplo, por encorajá-las ao ensino de linguagens regionais e culturas e adaptando o calendário escolar aos feriados religiosos); e indivíduos privados devem ser protegidos da intimidação pela comunidade na qual eles vivem.

Finalmente, um último argumento milita contra o multiculturalismo anglo-saxão: sobre a declaração do próprio governo, ele não funciona. Não satisfeito em ter servido de asilo para Jihad por anos sem fim, com as dramáticas consequências conhecidas por todos, o Reino Unido deve admitir hoje que seu modelo social baseado em comunitarianismo e separatismo não funciona. Muitas pessoas zombaram do autoritarismo francês quando o parlamento votou na proibição a mulheres e jovens meninas de usar o véu muçulmano nas escolas

e escritórios governamentais. Timothy Garton Ash, por sua vez, que começa sua resenha em Seine Saint-Denis, demonstra uma francofobia digna dos neoconservadores de Washington.

Também, agora, líderes políticos na Grã-Bretanha, Holanda e Alemanha, chocados pela difusão da *jihad* e da burca, estão considerando aprovar leis contra eles.¹² Os fatos falam contra os apaziguadores, que preferivelmente se aproveitam da Europa para se encaixar com o Islã do que vice-versa. Pois, quanto mais nós nos submetemos ao seu radicalismo, mais eles enrijecerão seu tom. Políticas de apaziguamento somente aumentam seu apetite. A esperança de que a pura benevolência desarmará os brutos permanece, para o momento, infundada. Nós, na França, também temos nossos colaboradores da *jihad*, tanto na extrema esquerda quanto na direita: no caso do desenho muçulmano do ano passado, deputados do UMP¹³ propuseram instituir leis de blasfêmia que nos levariam de volta ao Antigo Regime.

Mas a França moderna tem forjado sua luta contra a hegemonia da Igreja Católica. E dois séculos depois da Revolução não suportará a servidão de um novo fanatismo. Isto é porque tendências islâmicas tais como a saudita Wahabites, a irmandade muçulmana, os Salafistas ou a Al Qaeda, tentam, por revanche, ganhar espaço sobre o território europeu e reconquistar Andaluzia que parece um empreendimento colonial que deve ser oposto.¹⁴ Como a Europa e a França se tornaram sociedades seculares? Através de uma implacável luta contra a Igreja e seu baluarte sobre o direito de arregimentar as

¹² De acordo com várias *surveys*, 87% dos muçulmanos britânicos sente-se primeiramente muçulmanos; na França esta taxa é de 47%. Então, a maioria dos muçulmanos põem-se atrás do ideal republicano, colocando seus princípios religiosos atrás de sua lealdade à nação francesa.

¹³Sigla do partido político francês, União por um Movimento Popular (em francês: *Union pour un mouvement populaire*). N.T.

¹⁴ Lembre-se de comunicados da Al Qaeda em 18 de setembro de 2001: "Nós devemos quebrar a cruz. Sua única escolha é o Islã ou a espada!" E, em setembro de 2006, depois das declarações de Bento XVI no discurso de Regensburg, na Alemanha, sobre violência e religião, manifestantes em Jerusalém e Nablus carregavam placas dizendo: "A conquista de Roma é a solução". E ChiekYoussefAl-Quaradhawi, líder espiritual da Irmandade Muçulmana e mentor de Tariq Ramadan, disse em um de seus famosos sermões que ele estava certo de que "o Islã retornaria à Europa como um conquistador vitorioso, depois de ter sido duas vezes expelido. Eu sustento que este momento de conquista não virá da espada, mas da oração e ideologia." Al Quaradhawi também aprova ataques suicidas.

mentes das pessoas, punir recalcitrantes, bloquear reformas e manter as pessoas – especialmente as mais pobres – na camisa-de-força de resignação e medo. A luta foi extraordinariamente violenta pelos dois lados, porém trouxe incontestável progresso e finalmente conduziu para a lei de separação da Igreja e o Estado aprovada em 1905.

A superioridade do modelo francês (copiado pela Turquia de Mustafa Kemal) é resultado da vitória sobre o obscurantismo e eventos como o massacre do Dia de São Bartolomeu. Como nós poderíamos tolerar no Islã aquilo que nós não toleramos mais no Catolicismo? O secularismo, que está incidentalmente escrito nos Evangelhos, é baseado numa neutralidade do espaço público, respeito ao contrato social, e a aceitação comum de que leis religiosas não estão acima das civis, mas residem no coração dos fiéis. A França, disse a filósofa Hannah Arendt, tratou suas colônias tanto como irmãos quanto como dependentes. Felizmente, o tempo das colônias acabou. Mas o ideal igualitário republicano postula que todos os seres humanos têm os mesmos direitos, independentemente de sua raça, sexo e profissão religiosa. Este ideal está longe de ser realizado. Está, ainda, em crise, como os motins de novembro de 2005 provaram. No entanto, parece ser um melhor guia que a questionável veneração à diversidade. Contra o direito à diferença, é necessário reafirmar interminavelmente o direito à semelhança. O que nos une é mais forte do que o que nos separa.

As posições de Ian Buruma e Timothy Garton Ash harmonizam-se com as políticas britânicas e americanas (ainda que os dois desaprovem estas políticas): O fracasso de George W. Bush e Tony Blair na sua guerra contra o terror também resultou do seu foco em questões militares em detrimento do debate intelectual. A inflexível beatitude destes dois líderes, sua combinação de bravata estratégica e sua ingenuidade visionária, os impediu de atacar onde era necessário: sobre o terreno do dogma, sobre a interpretação das escrituras sagradas e textos

religiosos.¹⁵No passado, a Guerra Fria foi levada a um combate global contra o comunismo, onde o confronto de ideias, a luta cultural no cinema, música e literatura fizeram o seu papel. Hoje nós observamos com consternação como o governo britânico e seu círculo de conselheiros muçulmanos flertam com o credo: melhor fundamentalismo que terrorismo – incapazes de dizer que os dois caminham de mãos dadas, e que dada uma chance, o fundamentalismo sempre impedirá os muçulmanos da Europa de engajarem-se numa reforma.

Logo, promover um Islã europeu iluminado é capital: A Europa pode tornar-se um modelo, um brilhante exemplo de reforma que acontecerá junto às linhas do Vaticano II, abrindo caminho para a autocrítica e auto-reflexão. Contudo, nós devemos estar certos de não falar para o público errado, designando os fundamentalistas como amigos da tolerância, enquanto de fato eles praticam a dissimulação e usam a esquerda ou a intelligentsia para fazer seus movimentos por eles, poupando-lhes o desafio do secularismo.¹⁶

É hora de estender nossa solidariedade a todos os rebeldes do mundo islâmico, não-crentes, ateus libertinos, dissidentes, sentinelas da liberdade, como nós apoiamos dissidentes do Leste Europeu em tempos passados. A Europa deveria encorajar estas diversas vozes e dar-lhes apoio financeiro, moral e político. Hoje não há causa mais sagrada, mais séria, ou mais urgente pela harmonia das futuras gerações. Nosso continente ainda ajoelha-se diante dos homens loucos de Deus, amordaçando e difamando os livres-pensadores com desatenção suicida. Bem aventurados são os céticos e não crentes, se eles puderem acalmar o homicida ardor da fé!

¹⁵Em 2004, Tony Blair publicou dois cartões de Natal, um dos quais foi endereçado a não-cristãos e não fez referência ao aniversário de Cristo. Que o paternalismo oculta esta debochada boa intenção!

¹⁶ Sobre a duplicidade de Tariq Ramadan e seu firme anti-semitismo: ele acredita que as maquinações do profundamente reacionário “Lobby sionista” são responsáveis pela má reputação de seu avô, Hassan Al-Banna, fundador da Imandade Muçulmana no Egito. O muito bem pesquisado e convincentemente argumentado livro “Frere Tariq” de Caroline Fourest (Paris, Grasset, 2004) é altamente recomendável neste contexto. Depois que foi publicado, a autora foi fisicamente ameaçada no website dos amigos de Ramadan, Ouma.com. Sujeita à caça às bruxas, ela tem que ser protegida pela polícia há algum tempo.

É surpreendente que 62 anos depois da queda do Terceiro Reich e 16 anos após a queda do Muro de Berlim, um importante seguimento da intelligentsia europeia esteja engajado em caluniar os amigos da democracia. Eles sustentam que é melhor ceder que recuar, e apoiar da boca para fora os ideais do Iluminismo. Temos ainda um longo caminho além das dramáticas circunstâncias dos anos 1930, quando as melhores mentes contribuíram para as armas de Berlim ou Moscou em nome da raça, classe ou Revolução. Hoje a ameaça é mais difusa e fragmentada. Não há nada que pareça o desafiador perigo do Terceiro Reich. Ainda que o governo dos Mullahs no Teerã seja um violento documento que poderia ser trazido aos seus joelhos com uma dose mínima de rigor. Não obstante, os pregadores do pânico abundam. Kant definiu o Iluminismo com o lema: *Sapere aude* – “atreva-se a saber”. Uma cultura de coragem é talvez o que está mais em falta entre os diretores de consciência de hoje. Eles são sintomas de uma Europa cansada, que duvida de si mesma, que está somente pronta demais para aquiescer ao mínimo alarme. Também, seus melaços retóricos benevolentes encobrem uma diferente sintonia: aquela da capitulação!